

# DICIONÁRIO PERIFÉRICO: A REPRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO DE MARGINALIDADE ATRAVÉS DO OLHAR DO MARGINALIZADO

PERIPHERAL DICTIONARY: THE REPRESENTATION OF THE SITUATION OF MARGINALITY THROUGH THE LOOK OF THE MARGINALIZED.

Diego Kauê BAUTZ<sup>1</sup>

**Resumo:** O propósito deste artigo é analisar uma parte dos micropoemas que compõem o livro *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário* do poeta Ni Brisant. A partir desta análise, com a colaboração do pensamento de Benjamin (1987), aqui é problematizada a questão do marginalizado retratado pelo não-marginalizado na literatura brasileira. Considerando que a literatura marginal contemporânea tem se firmado, mesmo com a desconfiança da academia, demonstra-se aqui, (apaguei a letra “a” que vinha a seguir) com base nos trabalhos de Benjamin (1987), que as obras produzidas nas periferias denunciam (entre muitas “pobrezas”) a pobreza de experiências comunicáveis que a sociedade contemporânea vive, e desta forma, nestas obras, vê-se uma barbárie positiva no sentido de que os autores das periferias (apaguei uma vírgula que estava aqui entre “periferias” e “enfrentam”) enfrentam esta pobreza, e arriscam-se a criar com o pouco que se tem, além de retratarem a situação de marginalidade a partir de um olhar interno.

**Palavras-chave:** Literatura Marginal. Autorrepresentação. Periferia.

**Abstract:** The purpose of this paper is to analyze some of the micropoems that make up the book *If I Had My Own Dictionary*, written by the poet Ni Brisant. From this analysis, based in the thought of Benjamin (1987), is the paper problematizes the issue of the marginalized portrayed by non-marginalized in Brazilian literature. Assuming that contemporary marginal literature has established itself despite the mistrust of academia, the study indicates that, the works produced on the outskirts denounce (among many types of "poverty") the poverty of communicable experiences that contemporary society lives, and therefore, in these works, we see a positive barbarism in the sense that the authors of the suburbs face this poverty, and they take risks by creating with the little they have, besides portraying the situation of marginalization from an internal look.

**Keywords:** Marginal Literature. Self-representation. Periphery.

## Introdução

*Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário*, do poeta Ni Brisant, possui todos os aspectos da chamada literatura marginal. “O aspecto característico da literatura marginal contemporânea é o fato de ser produzida por autores da periferia, trazendo novas visões, a partir de um olhar interno,

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Sociedade da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus Assis. Endereço eletrônico: diegobautz@hotmail.com.

sobre a experiência de viver na condição de marginalizados sociais e culturais” (OLIVEIRA, 2011, p. 33). O livro aqui analisado, escrito, produzido e vendido por Nivaldo Brito dos Santos, poeta baiano conhecido como Ni Brisant e morador da Chácara do Santana em São Paulo, é um dicionário próprio em que o autor ressignifica setenta e oito verbetes de forma poética, construindo assim setenta e oito micropoemas. Além disso, a obra também conta com sete páginas em branco como um convite ao leitor para que também insira verbetes próprios.

Brisant é autor de mais dois livros: *Tratado Sobre o Coração das Coisas Ditas* e *Para Brisa*, todos publicados de forma independente. Escritores independentes como Ni Brisant cada vez mais têm conseguido ganhar espaço. Rodriguez (2003) observa que a cultura letrada no Brasil possui um histórico de servir como ferramenta para a distinção da elite da grande maioria da população. Atualmente a literatura brasileira é obrigada a conviver com vozes antes distantes das belas letras, graças à crescente produção das periferias.

Nascimento (2006) chamou atenção para a “democratização da literatura” no Brasil, desde a formação de novos leitores de diferentes camadas sociais, até a inserção de novas vozes autorais. Fato enriquecedor, pois o universo simbólico de espaços marginalizados tende a ser silenciado por sujeitos não-marginalizados que, do lado de fora, significam estes espaços. É interessante a proposta presente já na contracapa do livro *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário*: “Se a gente pretende / o lindo absurdo / que é mudar o mundo / deixemos os canhões de lado/ vamos transformar / o significado / de tudo”. Assim, ressignificar os verbetes presentes em um dicionário próprio também seria desdicionarizar essas palavras e reconstruir um universo simbólico próprio.

Mas apesar deste movimento em direção a uma democratização da literatura, Santos e Fux (2013) ressaltam o quanto a língua dos sujeitos marginalizados ainda sofre rejeição, pois mesmo que adquira materialidade através da literatura, não é vista como tal. Ainda há certa desconfiança, e até mesmo algum preconceito em relação à produção literária das periferias, mas apesar de tudo, escritores como Ferréz continuam publicando, novos escritores de periferias também continuam surgindo, e a chamada literatura marginal vem se consolidando “embora ainda perdue, em seu desfavor, a deslegitimação por parte da sociedade e da própria academia” (SANTOS e FUX, 2013, p. 89).

Levando em consideração o papel do escritor revolucionário proposto por Benjamin (1987), a reconstrução de significados presentes no livro aqui é analisada pensando em um autor proletário que insere o seu imaginário em um ambiente burguês, assim transformando-o, em oposição ao intelectual proletarizado, ou seja, um escritor de classe burguesa que se coloca em posição de solidariedade ao proletário, mas que inevitavelmente carrega em seu discurso certa defesa à sua classe.

Benjamin (1987) diferencia o escritor burguês do escritor progressista. O burguês ignora sua liberdade de escrever sobre o que quiser, destina suas obras à diversão, e trabalha a serviço de certos interesses de classe, mesmo sem o admitir. Enquanto que o progressista reconhece sua liberdade de escrever sobre o que quiser, mas coloca-se ao lado do proletariado, perdendo assim a sua autonomia em nome de ser útil à luta de classes.

O autor da chamada literatura marginal poderia ser visto, na maioria das vezes, como um escritor progressista, visto que é característico deste tipo de literatura o narrador possuir uma linguagem de periferia, e assumir uma postura de contestação aos membros das classes dominantes.

Observando o escritor periférico a partir de como sua obra “se situa dentro *das* relações [literárias de produção de uma época]” (BENJAMIN, 1987, p. 122), este também pode ser visto como um escritor operativo. Ou seja, sua missão não seria “relatar, mas combater, não ser espectador, mas participante ativo” (BENJAMIN, 1987, p.123), visto que além de inserir a voz dos sujeitos marginalizados através de suas autorrepresentações nas narrativas, os escritores periféricos costumam estar ligados a movimentos sociais e/ou ao hip-hop em suas comunidades. O hip-hop, por sua vez, além dos quatro elementos (mc, dj, b.boy, e grafiteiro), no Brasil, como observou Hollanda (2014), também agrega e prestigia a produção literária.

Ni Brisant, em *Se eu tivesse meu próprio dicionário*, carrega as características de um escritor progressista-operativo, pois além de inserir marcas que o colocam ao lado do proletariado, através de sua autorrepresentação em alguns verbetes também coloca-se como participante ativo. A própria proposta de ressignificar as palavras vai de encontro à ideia da barbárie de começar de novo a partir do que se tem, ou, além disso, de acordo com a leitura de Brecht feita por Benjamin, “não abastecer o aparelho de produção, sem o modificar, na medida do possível, num sentido socialista” (BENJAMIN, 1987, p. 127).

Benjamin (1987) credita a escassez de boas narrativas no início do século 20 à falta de experiências comunicáveis em meio a um cenário destruído pela guerra, pela inflação, pela fome, e pela corrupção. Atualmente vemos na produção desta chamada literatura marginal um enfrentamento ao desafio de comunicar as experiências vividas nos duros ambientes de periferias e favelas.

Enquanto a internet despeja sobre as pessoas uma grande riqueza de ideias, informações, e produtos, as pessoas permanecem pobres de experiências comunicáveis. Então, assim como Benjamin propõe “confessar que essa pobreza não é mais privada, mas de toda a humanidade” (BENJAMIN, 1987, p. 115), os autores das periferias parecem assumir essa barbárie em suas narrativas.

As narrativas periféricas são tomadas de uma barbárie entendida por Benjamin (1987) como um começar de novo, partir para frente, e construir a partir do que se tem, mesmo que seja pouco. Em meio à sociedade da informação que nem sempre chega às periferias, a literatura surge como esse “pouco que se tem”, em que o escritor deposita toda a sua desilusão do mundo de que faz parte, e ao mesmo tempo todo o seu desejo de mudar este mundo através de uma literatura que pode não possuir “Nenhuma renovação técnica da língua, mas [uma] mobilização a serviço da luta ou do trabalho e, em toda caso, [que está] a serviço da transformação da realidade, e não da sua descrição” (BENJAMIN, 1987, p. 117).

Ainda seguindo o raciocínio de Benjamin (1987) que opõe a barbárie (positiva) daqueles que se arriscam a construir com os poucos meios que têm à barbárie (negativa) daqueles poucos privilegiados que vivem “acima” de toda a sociedade. Os autores marginais, através de narrativas construídas a partir da, e para a barbárie, talvez consigam “dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juros e com os juros dos juros” (BENJAMIN, 1987, p. 119).

### **Dicionário periférico: a representação da situação de marginalidade através do olhar do marginalizado.**

Desde a publicação da edição especial da revista *Caros Amigos* (Literatura Marginal – A cultura da periferia – Ato I, de 2001), as publicações de escritores que moram em periferias têm recebido o “selo” de Literatura Marginal. Diferente dos marginais setentistas, que assim eram chamados por estarem à margem do mercado editorial, os marginais contemporâneos são os que estão à margem socioeconômica, educacional, legislativa e, na maioria das vezes, também do mercado editorial. A produção destes “novos marginais” oferece um olhar interno sobre o que é viver à margem, e o que é ser um sujeito marginalizado.

Os marginais da década de setenta eram das camadas socioeconômicas médias e altas, não eram sujeitos marginalizados, mas as suas produções estavam à margem do que era produzido e consumido na época. A maioria das obras de autores periféricos também se encontra à margem das grandes feiras literárias, além de conviver com a resistência de acadêmicos que negam a condição de literatura dessas obras. Antes do verbete “livro” do dicionário de Ni Brisant, aparece o verbete “liberdade”, que ilustra como seria estar marginal: “Liberdade: / ventania / que dá na alma / dispensa pesos / e códigos de barras” (BRISANT, 2014, p. 49).

Em consequência da liberdade que os autores marginais encaram, a literatura caminha em direção à democratização. Candido (1975) afirma que a criação de obras, e as próprias obras movimentam-se dialeticamente, pois a criação altera os recursos de comunicação expressiva,

enquanto “as obras delimitam e organizam o público” (CANDIDO, 1975, p. 23). A criação periférica ofereceu aos sujeitos marginalizados um novo instrumento de expressão, enquanto que as múltiplas obras que estão sendo produzidas vão delimitando e organizando o público consumidor dessa literatura.

Dessa maneira, pode-se verificar que o movimento de democratização da literatura em relação às obras de autores periféricos é construído coletivamente, de dentro para fora. “Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo” (CANDIDO, 1975, p. 25). Assim, no livro *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário*, entre os verbetes “parque” e “poesia”, Brisant ressignifica o verbete “pódio” de uma forma que parece desvalorizar justamente a celebração de uma vitória que não seja coletiva: “Pódio: / centro / da solidão” (BRISANT, 2014, p. 65).

Candido (1975) já afirmava que em uma sociedade contemporânea existem vários públicos informes de arte, que se fragmentam conforme aumenta a complexidade da estrutura social, e que mantêm em comum apenas o interesse estético. Mas pensando nas relações de poder dentro do aparelho literário, o marginalizado diversas vezes foi retratado pelo olhar do não-marginalizado na literatura brasileira (reconhecida como literatura). A atual produção literária da periferia (muitas vezes não reconhecida como literatura) que se autorretrata, permite uma modificação no aparelho de produção e publicação literário que, ao retratar o sujeito marginalizado olhando de fora, “transformou em objeto de consumo a luta contra a miséria” (BENJAMIN, 1987, p. 130). Ao contrário da significação política reduzida a objeto de diversão em que ocorre a “metamorfose da luta política, de vontade de decidir em objeto de prazer contemplativo, de meio de produção em artigo de consumo” (BENJAMIN, 1987, p. 130), a literatura produzida nas periferias conhece a sua posição no processo produtivo, e por isso caminha para transformá-lo a partir das condições que possui.

Ni Brisant, no livro aqui analisado, declara logo na contracapa a intenção de transformação, e alguns verbetes ressignificados pelo poeta parecem responder a essa intenção. Como no verbete “dinheiro” colocado entre os verbetes “desperdício” e “divórcio”: “Dinheiro: / notas cativas / com papel de poder” (BRISANT, 2014, p. 23); ou no verbete “farda” entre uma página em branco para intervenção do leitor e o verbete “eternidade”; “Farda: / esconderijo / que guarda gente na forma de máquinas” (BRISANT, 2014, p. 30). É interessante a escolha de palavras que representam o domínio, a distinção de classes e a manutenção da ordem estabelecida. Os significados atribuídos aos verbetes pelo poeta denunciam de que lado ele está, ou seja, contra os que estão presos ao poder, e contra a máquina de manutenção da ordem estabelecida.

No discurso de Ni Brisant nota-se parte do discurso da literatura marginal contemporânea, pois a partir da leitura de Bakhtin, Brait (1997) afirma que o *eu* sempre se apoia em um *nós* nas situações comunicativas. Ou seja, o outro afeta a enunciação do *eu para mim*, o que marca a dialogicidade da enunciação. Mas o *eu* (Ni Brisant) não é passivo ao *nós* (Literatura Marginal/Periferia). O que garante dinamismo à linguagem é justamente a tentativa de diferenciação do *eu* sobre as marcas das vozes do *nós* em seu discurso. A voz de Ni Brisant dentro da literatura marginal dinamiza a linguagem no sentido de adotar um tom mais suave de contestação em relação à linguagem crua e agressiva adotada por grande parte dos autores periféricos, enquanto que a voz da produção periférica dentro da literatura brasileira dinamiza a linguagem no sentido de oferecer visões de mundo por muito tempo silenciadas. Brait (1997) afirma que o confronto de vozes nos discursos garante constantes movimentações de sentidos, visto que “a linguagem funciona diferentemente para diferentes grupos, na medida em que diferentes materiais ideológicos, configurados discursivamente, participam do julgamento de uma dada situação” (BRAIT, 1997, p. 99).

Em *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário*, a partir da relação *eu/nós* nas situações comunicativas citadas acima, nota-se a partir do discurso do sujeito marginalizado (Ni Brisant) parte da visão do “nós marginalizados” sobre a realidade que os cerca, como no verbete “engarrafamento” que antecede o verbete “espanto”: “Engarrafamento: / adega / feita de carros” (BRISANT, 2014, p. 27). O autor objetifica de forma poética as pessoas dentro de seus carros amontoados. Aliás, as pessoas marginalizadas também parecem ser uma preocupação do autor. No verbete “travesti” o autor afirma a condição de mulher do sujeito travestido através de uma poesia bem-humorada: “Travesti: mulher / que nasceu com a vagina em braile / alto relevo” (BRISANT, 2014, p. 77).

Além de retratar a realidade exterior, o autor também insere em seu discurso marcas presentes na linguagem contemporânea vindas das novas tecnologias, como no verbete “lobisomem”: “Lobisomem: / bicho de lua / que toda hora altera o status: / #partiurua” (BRISANT, 2014, p. 51). Neste caso é interessante a roupagem atual que o autor oferece à lenda do lobisomem, ao ressignificá-la através de uma prosopopeia. Além disso, Brisant insere em seu poema termos característicos das redes sociais (status, #partiurua), ilustrando assim a ideia de Machado presente em Brait (1997) de que os gêneros discursivos acompanham o uso da linguagem de seus tempos, e que a vida de cada gênero depende da sua capacidade de renovar-se em cada época da literatura, e em cada obra individual.

Partindo da perspectiva dos gêneros discursivos, nota-se que estes se formam através de enunciador, receptor e de vozes que ressoam na enunciação. Ou seja, os gêneros discursivos dependem da realidade social que estão inseridos e se cristalizam e se modificam dentro dos

movimentos que cada convenção social impõe. A pressão social afeta todo discurso e o acaba moldando dependendo do que a situação comunicativa impõe segundo as convenções sociais ou costumes. Candido (1975) também observa que as técnicas de comunicação de que uma sociedade dispõe também influenciam nos valores presentes nas obras, que através da forma destas, influem nas possibilidades de atuação no meio de circulação.

Tommasi (2013) observa o fato das vozes dos rappers se mostrarem presentes nas poesias produzidas nas periferias paulistas. Assim a poesia periférica vai tomando forma a partir de tudo o que a rodeia, como as novas tecnologias. Mas também de tudo aquilo que já se torna intrínseco dos espaços periféricos paulistas, como a influência do movimento hip-hop. Tommasi (2013) ainda ressalta o papel da arte como instrumento de sobrevivência dos grupos sociais subalternos, visto que estes geralmente têm acesso somente a trabalhos que se caracterizam pela não satisfação financeira, ou pessoal. “Dessa forma, os moradores das periferias afirmam seu direito a fazer arte, sair da invisibilidade e da criminalização e se afirmar enquanto produtores de arte” (TOMMASI, 2013, p. 29).

A afirmação dos escritores marginais também passa pela afirmação do lugar de quem está falando, ou seja, das periferias. Neste sentido, Tommasi (2013) destaca a diferença do modo de ver artístico dos escritores periféricos, pois em campo artístico, o que definiria um produto como arte seria sua suposta qualidade e técnica artística, enquanto que entre os escritores das periferias, o aspecto estético não é levado em consideração isoladamente, pois o “ser da periferia” é extremamente valorizado já que “a origem social comum e as elaborações compartilhadas de ‘marginalidade’ e ‘periferia’ impulsiona os escritores a assumir o papel de porta-vozes dos sujeitos e espaços marginais na literatura e a conferir às suas obras uma significação estética e também política” (NASCIMENTO, 2006, p. 87).

Uma das diferenciações do escritor Ni Brisant entre os autores marginais é que além de “ser da periferia”, ou “estar sendo de uma periferia da cidade de São Paulo”, o autor é baiano, e insere em seus textos falares típicos da Bahia, como “oxi” ou “êta preula”, além de também construir personagens baianos (ou bahias), como “Romário” presente no livro independente *Para Brisa*. No verbete “Retirante” presente no livro aqui analisado, a partir do micropoema construído pelo autor, é possível notar o quanto os processos de marginalização se aproximam: “Retirante: / sujeito / que inventa sua própria pátria / aquele que matam, mas não vira santo / porque não sabe morrer” (BRISANT, 2014, p. 69).

Oliveira (2011) observa a importância da autorrepresentação dos sujeitos marginalizados enquanto resposta aos discursos que tentam falar por estes. A autora ainda observa que “Esses textos, além de conformarem uma linguagem e um tom próprios, cumprem uma função que

extrapola o âmbito estritamente literário, constituindo um fator de mobilização e organização da vida da comunidade, tendo em vista um projeto de transformação social” (OLIVEIRA, 2011, p. 34).

As produções literárias das periferias contribuem para uma transformação social no sentido de consolidar um meio de comunicação que permita que o sujeito periférico exprima sua natureza. Candido observa que “um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto – as elites” (CANDIDO, 1975, p. 77). Assim sendo, a literatura marginal enriquece os espaços periféricos no sentido de incentivar hábitos intelectuais e de se oferecer como meio de comunicação. Em relação aos instrumentos de divulgação, Nascimento (2006) observa que a partir de ideias e vivências compartilhadas, a literatura marginal vem consolidando-se através de laços de amizade e da colaboração mútua entre autores. As publicações coletivas são instrumentos comuns, além da utilização da internet, que permite que os autores compartilhem os seus textos com um grande número de pessoas.

Candido (1975) afirma que para existir meios de comunicação é necessário que existam justamente hábitos intelectuais, e instrumentos de divulgação, enquanto que a formação de uma opinião literária, e a diferenciação das elites constroem-se a partir da consolidação dos meios de comunicação. Desta forma, além da literatura produzida nas periferias servirem como meio de expressão, de autoafirmação, e até mesmo de sobrevivência, também contribuem para transformar as relações literárias de produção brasileira no sentido de inserir o marginalizado através do olhar do próprio marginalizado, através da estética também do próprio marginalizado, diferenciando-se assim das elites que “tendem à liderança do gosto” (CANDIDO, 1975, p. 77).

O poeta Ni Brisant se autorrepresenta em seu minidicionário através de micropoemas que retratam o modo como enxerga os sujeitos marginalizados, as relações de poder, e o Nordeste, como nos verbetes, ou micropoemas, “Água” e “Bahia”: “Água: / vitamina / para sertanejo” (BRISANT, 2014, p. 6); “Bahia: / bar / que fracassou / não foi e ficou nesse estado” (BRISANT, 2014, p. 10). Brisant, morador de São Paulo, mas nascido em Acajutiba-BA, possui a particularidade de ser um escritor de periferia capaz de retratar a partir de um olhar interno, (Altereí o trecho anterior. Antes estava assim: “Brisant, morador de São Paulo, mas nascido em Acajutiba-BA, possui a particularidade de ser um escritor de periferia, e que a retrata a partir de um olhar interno”) mas também de ser um escritor nascido fora do eixo Rio-São Paulo, o que permite que o autor também insira em sua escrita elementos do seu Estado de origem, e que contribua para diversificar a estética paulista, pois segundo Nascimento (2006), a nova geração de escritores marginais é constituída predominantemente por moradores das periferias paulistas. Ainda que Ni Brisant seja morador de

uma periferia da cidade de São Paulo, o poeta se diferencia através da inserção de personagens, falares e espaços que remetem ao Nordeste em suas obras.

Na literatura marginal, e mais especificamente em *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário*, não se ouve as vozes de intelectuais proletarizados, mas as próprias vozes do proletário. Dessa forma o escritor periférico difere do escritor característico brasileiro, pois o periférico se enquadra no que Benjamin (1987) classifica como intelectual revolucionário, ou seja, aquele que medeia o processo de adaptação do aparelho literário em prol do proletariado. Enquanto que o escritor não-marginalizado, mesmo quando se coloca em solidariedade ao marginalizado, assume essa posição através de um distanciamento educacional em que este não possui os privilégios daquele.

Ainda que se registrem, na história da literatura brasileira, variados exemplos de autores que se dedicaram a retratar as mazelas sociais, ou ainda, que eram originários de estratos socioeconômicos desprivilegiados, a contribuição trazida pela nova geração de escritores marginais, aqui estudada, é a reunião de um conjunto de autores, oriundos das camadas populares e moradores das periferias urbanas brasileiras, cujos produtos se destacam por representar o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos por eles como “marginais”, sobretudo com relação à periferia”. (NASCIMENTO, 2006, p.173)

### **Considerações finais**

A análise de *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário* permite ampliar a percepção de como acontece a construção da autorrepresentação do sujeito marginalizado, a partir das ressignificações que Ni Brisant propõe, além de acompanhar o processo de democratização da literatura observado por Nascimento (2006), pois paralelamente a esse processo, Santos e Fux (2013) observam que ocorre também um movimento de rejeição à condição de literatura das obras produzidas nas periferias.

A partir desta pressuposição de onde a literatura marginal contemporânea se localiza nas relações literárias no Brasil, são interessantes as contribuições de Benjamin (1987) em relação aos conceitos de escritor progressista e operativo. Ni Brisant, como autor, editor e muitas vezes também vendedor de seus livros, mostra-se como um escritor operativo no sentido de participar ativamente do processo de construção das condições literárias dos sujeitos marginalizados. O autor de *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário* também se enquadra no conceito de escritor progressista proposto por Benjamin (1987) no sentido de abordar temas relacionados às periferias urbanas de dentro destas periferias. Ou seja, Ni Brisant, como sujeito também marginalizado, coloca-se ao lado dos que também estão à margem do mercado editorial, e principalmente do sistema educacional, legislativo e socioeconômico, e constrói suas obras ressignificando espaços e sujeitos

antes retratados apenas pelos que estão fora das periferias, colaborando para assim transformar as relações literárias.

Benjamin (1987) também observa uma confissão da pobreza de experiências comunicáveis que a sociedade contemporânea enfrenta. Neste sentido, Benjamin (1987) observa a barbárie positiva dos que se arriscam a construir algo a partir do pouco que se tem. Os autores das periferias, mesmo vivendo em condições difíceis, inserem em suas obras as personagens que enfrentam as mesmas condições, de forma solidária e através de um olhar interno. Deste modo, a partir da pobreza de experiências comunicáveis que acomete a sociedade atual, somada às várias pobreza que acometem os espaços periféricos, os escritores da literatura marginal contemporânea expõem o abandono a que as periferias são relegadas, inserem os sujeitos periféricos na literatura brasileira, e ampliam as possibilidades literárias com construções muitas vezes condenadas pelas elites, mas que ganham força nas produções periféricas no sentido de autoafirmação do sujeito marginalizado.

“A crescente proletarização do homem contemporâneo e a crescente massificação são dois lados do mesmo processo” (BENJAMIN, 1987, p. 194). Segundo Benjamin (1987), através de um aparelho fascista de organização, é permitido às massas exprimirem suas naturezas, mas não os seus direitos. Pode ser que os que rejeitam a condição de literatura às obras da literatura marginal contemporânea acreditem que os autores periféricos apenas se autorretratam, e ofereçam ao sujeito marginalizado um espetáculo de si mesmo. Tal preocupação é válida, pois caso as produções das periferias estivessem reduzidas ao espetáculo delas próprias, estariam fadadas a “viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem” (BENJAMIN, 1987, p. 196). Mas “Os escritos da periferia, constituindo-se a partir da fala – local e coletiva – de moradores da favela, conferem novas configurações do literário, que certamente obrigam a teoria a repensar não apenas suas categorias e parâmetros de análise, como ainda a sua tarefa política de resistência à dominação do conhecimento” (OLIVEIRA, 2011, p. 38).

### Referências:

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1987.
- BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- BRISANT, Ni. *Se Eu Tivesse Meu Próprio Dicionário*. São Paulo: Ni Brisant, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 4ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. A política do hip-hop nas favelas brasileiras. *Alternativas*, Rio de Janeiro, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.alternativas.osu.edu/assets/files/Issue%202/ensayos/buarque.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2015.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. 2006. 211f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. *Ipotesi*, Juiz de Fora, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2015.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. *Mutirões da palavra: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas*. *Estudos de Literatura Contemporânea*, Brasília, n. 22, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2181/1739>>. Acesso em: 28 set. 2015.

SANTOS, Darlan & FUX, Jacques. *Litera-Rua: a cultura da periferia em Capão Pecado*, de Ferréz. *Estudos de Literatura Contemporânea*, Brasília, n. 41, jan./jun. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182013000100006&lng=em&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182013000100006&lng=em&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 28 set. 2015.

TOMMASI, Livia De. *Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político*. *Política e Sociedade*, Florianópolis, n. 23, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2013v12n23p11/24752>>. Acesso em: 28 set. 2015.

Chegou em: 21-12-2016.

Aceito em: 18-01-2017.